



*Somos
um testbed
da Europa
e temos
de aproveitar
isso*

VANDA DE JESUS

Diretora executiva do Portugal Digital

A LUZ AO FUNDO DO TÚNEL

Depois de um 2020 cheio de desafios, eis que – sem saber bem como – chegamos a 2021, um ano de grandes promessas e de tentar reerguer a economia. Com a vacinação para a Covid-19 em curso, surge uma nova esperança de normalidade. Para Portugal, as previsões de crescimento da economia oscilam entre as mais modestas, dos 1,7% previstos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, e as mais otimistas do Fundo Monetário Internacional, de 6,5%. Sabemos, contudo, que a vida das empresas não será fácil neste primeiro semestre, que muitas continuarão com a sua operação em suspenso, na esperança de que a vacina faça a sua parte na imunidade de grupo, para que a economia possa depois fazer a sua e trazer mais emprego e mais qualidade de vida a todos. No meio do caos, se algo houve que a pandemia trouxe de bom foi a aceleração da transição digital no país, aceleração essa materializada no Plano governamental de Ação para a Transição Digital, liderado por Vanda de Jesus, que em junho assumiu a direção executiva da missão Portugal Digital. É ela a voz da esperança nesta primeira edição de 2021. Apostar na formação e capacitação de pessoas, ao mesmo tempo que se faz o upgrade digital das empresas e dos serviços do Estado são os principais objetivos desta missão, que damos agora a conhecer. Casos de sucesso não faltam, com o balanço dos 18 anos da Ergovisão, uma rede de óticas nascida em Viseu, e também da Padaria Portuguesa. A internacionalização da Salsa e a aposta da Hilti Portugal também surgem em destaque, numa edição em que o ambiente volta a estar em destaque com a campanha liderada pela EGF e em que a responsabilidade social assume uma nova dimensão com o Manicómio. Casos de empreendedorismo como o da Paisagindo Bio e a importância da reinvenção das marcas portuguesas pelas mãos do grupo Valor do Tempo mostram que muito bons projetos continuam a alimentar o país. Fazemos votos de um 2021 cheio de bons projetos, que resultam em cinco anos de PME Magazine a acompanhar a evolução das empresas no país.



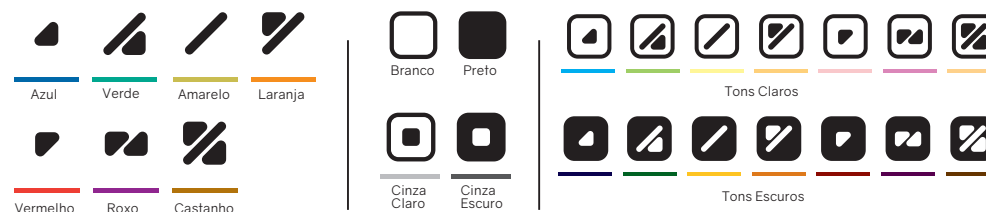
ANA RITA JUSTO | EDITORA

Boas leituras e bons negócios!

COLORADD NA PME MAGAZINE

A PME Magazine conta com 14 grandes secções, que servem de guia estrutural para as temáticas abordadas. De forma a tornar a revista mais inclusiva, foi integrado nas secções o sistema de identificação de cores ColorADD. Assim, cada secção conta com uma cor diferente, identificada com um símbolo que permite a pessoas daltónicas identificarem as cores que estão a ver.

Desenvolvido com base nas três cores primárias, representadas através de símbolos gráficos, o código ColorADD assenta num processo de associação lógica que permite ao daltónico, através do conceito da adição das cores, relacionar os símbolos e facilmente identificar toda a paleta de cores. O branco e o preto surgem para orientar as cores para as tonalidades claras e escuras.



FICHA TÉCNICA

DIRETORA: Mafalda Marques

EDITORIA: Ana Rita Justo

REDAÇÃO: Sofia Neves

VÍDEO E FOTOGRAFIA: Nortfilmes e João Filipe Aguiar

DESIGN GRÁFICO: Inês Antunes

Vanda
de Jesus

**“HÁ UMA GRANDE
CORRELAÇÃO ENTRE
A MATURIDADE DIGITAL
DE UMA EMPRESA COM
A SUA CAPACIDADE
DE RESILIÊNCIA PERANTE
UMA CRISE.”**





Ana Rita Justo

João Filipe Aguiar

Vanda de Jesus é a cara do Portugal Digital, programa lançado pelo Governo para ser o motor de transformação do país. Em entrevista à PME Magazine, a diretora executiva traça um balanço do Plano de Ação para a Transição Digital e do que esperar desta missão, nomeadamente junto das empresas e da capacitação de pessoas.



Combate à infoexclusão é a prioridade

PME Magazine – Que balanço faz do Plano de Ação para a Transição Digital até agora?

Vanda de Jesus – O balanço é, para já, super positivo, apesar dos tempos em que vivemos. O Plano de Ação para a Transição Digital foi apresentado publicamente, dia 5 de março, e foi aprovado depois em abril. Eu assumi as funções da estrutura de missão do Portugal Digital em junho. Portanto, neste momento, acabei por estar a montar também a equipa e temos estado a trabalhar na execução daquilo que é o plano e que temos aqui em *background* que tem três pilares: focado nas pessoas, nas empresas e no Estado. Ou seja, a nossa grande preocupação – e, por isso, o pilar um não é pilar um por acaso – centrar a aposta na capacitação e no preparar as pessoas para aquilo que é a nova era digital é absolutamente crítico. Sentimos, e aliás um dos números mais importantes que temos mencionado e que me preocupa bastante e que foi uma das minhas motivações para vir para esta missão, é que 22% da nossa população não tem acesso à internet e, portanto, não está incluída digitalmente. Estes números já baixaram para 19% com a pandemia, mas estamos a falar de que todas estas pessoas, normalmente com mais de 45 anos, não têm a possibilidade, primeiro, de terem uma vida social hoje em dia, que tão dependente está do digital, mas também um trabalho, empregabilidade na área do digital com as transformações que vamos ter no mercado de trabalho. No que diz respeito ao pilar um, temos um conjunto de medidas que acompanham o ciclo de aprendizagem ao longo da vida em que acreditamos fortemente: desde a escola, com o projeto “Escola digital”, ao projeto “Jovem mais digital”, de repensar as ofertas formativas na área digital; o projeto “Upskill”, que começou a formar 450 profissionais altamente qualificados numa parceria única entre empresas, politécnicos e o próprio IEFP, que está a apoiar a iniciativa. Estamos a fazer um programa de nove meses, em que durante seis meses os profissionais estão em formação num dos politécnicos ou no ISCTE, no caso de Lisboa, e depois nos últimos três meses vão para as empresas – *on the job* – e as empresas comprometeram-se a fazer o recrutamento destas pessoas, em março, e o salário acordado para recrutamento à saída que são

1200 euros. Isto foi um projeto, de facto, muito interessante porque trouxe público, privado, as várias entidades e que já está em curso neste momento, com cerca de 450 pessoas. Estamos agora a preparar um projeto que vai mitigar aquele primeiro problema, o “Eu sou digital”, que é então para a inclusão de cerca de um milhão de adultos, normalmente com mais de 45 anos, que estão infoexcluídos, digitalmente, e o trabalho aí é fazer em todo o país através de um grupo de 30 mil voluntários, durante três anos, 1500 centros distribuídos pelo país para chegarmos a este um milhão de pessoas. Isto é aquilo que estamos a fazer ao nível da capacitação. Temos também uma parte muito importante – e que liga muito também ao tema das pequenas e médias empresas – que é o “Emprego mais digital”, para população ativa e para trabalhar a empregabilidade futura. Um estudo da CIP com a McKinsey referiu o impacto que vai ter a automatização da força de trabalho e de como os empregos vão mudar e vamos ter cerca de 800 mil pessoas que vão ter de mudar de funções nos próximos anos. Portanto, vamos ter de trabalhar isso já e aproveitar este momento para fazer esse *shot* formativo.

“Criámos este programa do “Emprego mais digital”, ao qual a CIP já aderiu e foi a primeira, e que tem como grande objetivo fazer essa formação digital para a empregabilidade futura, mesmo para pessoas que já estão a trabalhar, mas para a transformação do seu local de trabalho.”

Ao nível do pilar dois, das empresas, temos um conjunto de projetos também já a prepararem-se, aliás, uma coisa que ressalvo destes últimos meses que vivemos foi



Vanda de Jesus assumiu direção do Portugal Digital em junho de 2020

claramente a aceleração de tudo o que são as medidas do programa. Como disse, apesar de o programa ter sido apresentado na semana antes do confinamento, **tudo o que estava no programa está agora a ser implementado com muito mais velocidade pela sua necessidade**. Por exemplo, o teletrabalho já era uma coisa que estava no plano e que Portugal foi um dos pioneiros a trabalhar neste tema, mas agora foi acelerado. **No caso do teletrabalho**

sou uma verdadeira crédula de que nada vai voltar ao que era e tenho estado muito interessada em ver que todos os estudos apontam e que é das primeiras áreas em que empregados e empresas concordam. Ou seja, estamos a falar, dos números que tenho visto, que pelo menos 50% a 60% das pessoas vão de facto no futuro trabalhar remotamente pelo menos dois a três dias por semana, claro que para as funções em que isso faça sentido. Isto vai

ter um impacto enorme nas empresas, nas formas de trabalhar e nos modelos de negócio, porque **as pessoas vão trabalhar a partir de casa e todo o seu enquadramento na relação com a entidade e mesmo as ferramentas de colaboração têm de ser alteradas** e depois os próprios serviços, de um conjunto de empresas. Aí, estamos a fazer uma grande aposta na parte do comércio digital e temos projetos mais estruturantes, como as zonas livres tecnológicas, que são áreas em que estamos a preparar um enquadramento legal para criar *sandboxes* regulatórias para permitir a inovação, também os *digital innovation hubs* que serão áreas de colaboração para trazer a ciência, para as empresas fazerem a inovação que seja produtiva e que depois se relaciona com uma outra medida que vamos pôr em prática, que são os laboratórios e os *testbeds*, para que rapidamente se possa evitar aquilo que é o vale da morte das empresas e entrar rapidamente numa inovação produtiva. Por último, no pilar três, na transformação digital do Estado, estamos a fazer já um conjunto de iniciativas muito interessantes, por exemplo, na simplificação da contratação de serviços de IT. Foi aprovado na Assembleia da República o diploma que tem algumas das medidas da simplificação já anunciadas para a contratação e temos também a estratégia de *cloud*, que vai permitir desbloquear um conjunto de processos e de inovação no Estado, nomeadamente através da possibilidade de aceder a este tipo de serviços.

PME Mag. – O capital humano acaba por ser a base para todo o plano.

V. J. – Há uma matriz direta entre os pilares e os três motores da nossa economia, que são as pessoas, as empresas e o Estado. E como em tudo, sou uma pessoa de pessoas, sem as pessoas não vamos conseguir fazer nenhuma transformação nos outros. Portanto, sim, isso é uma grande aposta e uma das coisas que tenho sentido também neste trabalho é a importância das lideranças e acho que **os momentos que também vivemos, se alguma coisa positiva trouxeram, foi os líderes perceberem que têm de fazer uma alteração muito profunda naquilo que é o seu *mindset*, na sua forma de trabalhar, na forma de pensar as organizações, muito orientadas ao propósito,**



XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



com muito mais flexibilidade, a importância da empatia, mesmo não sendo física. Acho que tudo isso esta pandemia e estes momentos que estamos a viver aceleraram. Depois, também há muitos estudos que referem que estamos a ganhar cerca de 10 anos na aceleração da transição digital. Acredito – e acho que aí temos que ser cuidadosos, apesar de ser uma positiva e normalmente só vejo o lado bom das coisas, mas aí temos de ter um cuidado. Também vi números recentes num estudo da ACEPI [Associação Economia Digital], e apesar de termos tido um crescimento fabuloso, que aliás nem podia ser de outra forma no comércio eletrónico e na evolução, estamos a falar de passarmos de 40% a 60% das empresas que estão agora online e que começaram a ter uma oferta online durante este período, que são números realmente muito interessantes tendo em conta o momento atual. Por outro lado, neste mesmo estudo, apenas 25% delas dizem que há uma integração já entre uma loja física e uma loja digital. Ou seja, não podemos também iludir-nos de que o facto de estarmos em teletrabalho e de estarmos a fazer alguma venda online faz com que toda a cadeia de valor e toda a transformação digital, de processos de negócio, de impacto na distribuição e também na criação de novos produtos, fica feita, porque há aí ainda muito trabalho a fazer, nomeadamente voltando ao tema também das lideranças. Uma coisa que ganhámos aí foram mesmo os 10 anos. Sinto que, mesmo para as minhas funções agora na estrutura de missão, a minha vida foi facilitada naquilo que tem que ver com “o vender”, com a importância de fazermos esta transformação. Outra coisa que temos que ter cuidado é que não vamos estar sozinhos, **o resto do mundo está a viver o mesmo e, portanto, o resto dos países da Europa. A possibilidade de nos diferenciarmos é também enorme, mas temos de aproveitar.**

PME Mag. – Faz, também, sentido repensar o plano curricular nas escolas?

V. J. – Isso é claramente uma área que tem que ver com o seu master, o Ministério da Educação, e eles têm trabalhado muito nesta área, com a inclusão da disciplina das T.I.C., que agora já é obrigatória em todo o currículo. Estamos a trabalhar com o Ministério da Educação num

projeto ambicioso que decorrerá durante todo este ano que é a “Escola digital”. O que queremos garantir é que estes computadores vão chegar às escolas durante este ano [n. d. r. 2020*], mas no âmbito de um programa muito amplo daquilo que é uma escola digital. Está a ser trabalhado pelo Ministério da Educação um amplo programa de formação dos professores, estão a ser trabalhados os conteúdos digitais, que também têm evoluído muitíssimo em parceria com as empresas que fazem esses conteúdos e, mais uma vez, a nossa experiência de viver em teletrabalho e telescola durante este período também acelerou um conjunto de dinâmicas e os próprios professores e alunos de preparação para este mundo. Isto permite ter já o teste de realidades híbridas. Vamos pensar: se não tivessem sido estas condições dificilmente, em algum momento, estaríamos a forçar evoluirmos para um cenário destes. Acho que isto traz competências, quer aos professores, quer aos alunos, muito diferenciadoras. Claro que depois não poderemos fazer isto sem garantir o tema da segurança, porque **a partir do momento que temos tudo online, a segurança das pessoas, dos conteúdos e, acima de tudo, estamos a falar de crianças, tem de ser também acautelada** e por isso é um projeto bastante integrado e que tem todas essas vertentes já consideradas.

“STARTUPS DIGITALIZADAS CRESCERAM”

V. J. – As medidas que têm sido anunciadas pelas várias áreas, quer através do ministro da Economia, como também da Segurança Social, área financeira, têm sido no sentido de apoiar, porque, **neste momento, temos de proteger o emprego e temos de proteger realmente as empresas e as áreas que estão a atravessar uma maior crise, nomeadamente a restauração, o turismo e também áreas importantes como o entretenimento**. Com o ecossistema das *startups*, por exemplo, que também acompanhamos muito proximamente, **há uma grande correlação entre a maturidade digital de uma empresa com a sua capacidade de resiliência perante uma crise**. E, por isso, um estudo que fizemos na área das *startups* provou que muitas delas, as mais digitalizadas, cresceram e tiveram um aumento de atividade, porquê?

Porque foram as mais imunes àquilo que estava a acontecer. Claro que há setores da economia em que isso não é possível, ainda assim, com inovação, com resiliência é possível repensar modelos. Por exemplo, para a área do turismo, estamos a assistir a um conjunto de destinos – e nós podemos ser um deles – que podem vir a receber os nómadas digitais, que são pessoas que trabalham a partir de qualquer país do mundo, nomeadamente com sol e com boas condições. Sabemos que temos normalmente todas essas atratividades e podemos-nos preparar e preparar também as nossas estruturas, nomeadamente no turismo, para essa transformação. Outro exemplo é como a restauração se adaptou e até criou linhas diferentes para a entrega de comida confeccionada – também no estudo da ACEPI há inclusivamente um aumento da preferência por produtos portugueses, mesmo online, eu própria comprava muito mais em sites internacionais e, ao mesmo tempo pela segurança da proximidade e da entrega, mas também por comprarmos localmente, também houve essa tendência.

“Esta pandemia veio trazer aproximação e a possibilidade de descentralizar o que está excessivamente centralizado em Lisboa, ou nas grandes cidades de Lisboa e Porto e em termos outro protagonismo para as cidades.”



Ou seja, quer no programa do “Upskill” de que falei, tivemos a formação em todas as áreas e, portanto, criar aqui empresas que estão a ir para o interior. Temos, por exemplo, o conceito, e estamos a trabalhar com algumas empresas, de adotar uma cidade e começar a trabalhar nessa cidade, trabalhando quer as competências quer a parte de economia e criando ali uma dinâmica que seja muito mais integrante com o ecossistema e, neste momento, as pessoas poderão trabalhar a partir de qualquer lugar e depois se for preciso ir aos grandes centros de forma mais indireta. Há, de facto, um conjunto de medidas que vão além dos apoios financeiros do Estado que podem vir das próprias pessoas, das próprias empresas, com essa capacidade de se reinventarem. O que sugiro é que se preparem para ficarmos mais imunes e tudo aquilo que fizemos nesse sentido vai tornar-nos num país – pessoas, empresas e Estado – mais forte.

“NÃO ESTÁ TUDO FEITO”

PME Mag. – O que é que ainda está por fazer na digitalização das empresas?

V. J. – Como tenho vindo a explicar, penso que a primeira coisa que temos que trabalhar e aproveitar este momento é o tema do *mindset* das pessoas, mas principalmente dos líderes. Não sentir que já está tudo feito porque já demos passos importantes, nomeadamente no teletrabalho, percebermos que uma coisa é a alteração dos processos ou da eficácia de alguns processos e a forma como as equipas trabalham e colaboram, que eu acho que evoluímos muito neste período pelas circunstâncias, mas apostar na inovação de produtos e serviços e nomeadamente de modelos produtivos e, para algumas áreas de negócio, a integração de cadeias de valor e trabalhar de forma integrada para resolver aquilo de que falei há pouco de apenas 25% das empresas terem esta integração de loja física com loja digital. Ai há bastantes coisas por fazer no trabalho que estamos a fazer, nomeadamen-



te nos *digital innovation hubs*, na criação destes *testbeds*, para que as empresas possam mais rapidamente testar a inovação e ela rapidamente ir para produção e apoiá-las nesse sentido. Isso é uma coisa que temos de fazer colaborativamente. Para não falar daquilo que acho que é óbvio, que é para mim uma grande paixão, que é o tema da capacitação. **O que temos que fazer em grandes números para preparar o nosso talento, o nosso capital humano para as competências necessárias no futuro é muito grande.** E, aí, também digo que cada pessoa tem a sua responsabilidade no seu percurso e, portanto, não deve depender só da escola, da universidade, do seu empregador, mas ela própria pode ser dona do seu destino, hoje mais do que nunca, daquilo que é a definição do seu percurso e daquilo que é a sua aprendizagem. Há muitos conteúdos online, gratuitos, há muitos conteúdos fáceis de aceder e, portanto, as pessoas podem ser muito mais donas do seu destino hoje do que eram dantes. E acho que às vezes nós responsabilizamos muito o empregador e as outras entidades e não agarramos essa oportunidade. Nós vamos ter naquilo que vai ser a plataforma do Portugal Digital, uma “Academia Portugal Digital” que espero que também possa vir a ajudar a identificar o estado de maturidade de cada pessoa e ajudar a definir perfis para o futuro, para apoiar nessa transição.

PME Mag. – Quando é que vão lançar a academia Portugal Digital?

V. J. – Será no primeiro semestre de 2021.

PME Mag. – Esta mudança do *mindset* faz mais sentido ainda no que toca às PME?

V. J. – Sim. No último estudo que vi, empresas altamente digitalizadas são apenas uma em cada cinco na Europa. Isto é válido para cerca de 60% das grandes empresas e 90% das PME. Ou seja, temos 60% que ainda não são e 90% das PME, portanto o trabalho a fazer ao nível das PME é bastante superior. Mas mais uma vez, sou uma crente e uma positiva, e mudar uma organização mais pequena depende de muito menos pessoas. Portanto, se motivarmos – e por isso ser aqui uma das primeiras entrevistas que dou à PME Magazine, porque acho sinceramente que



é onde podemos ter impacto – se conseguirmos mobilizar aquilo que é um povo por natureza descobridor, com vontade de aprender, de inovar, de diferenciar, naquilo que é a sua base e nas coisas que temos boas, porque temos imensos produtos muito bons. Temos a nossa agricultura, que pode ser automatizada, temos os nossos sistemas de saúde que também podem ser mais digitalizados, temos o nosso turismo que é uma pérola da Europa... **Se pegarmos naquilo que temos de fantástico e conseguirmos transpor isso para o mercado, podemos crescer a uma**

velocidade muito maior que todos os outros países e eu tenho isto como uma convicção forte e que o papel do digital é absolutamente crítico para conseguir.

PME Mag. – Que investimentos é que têm previstos para estes apoios?

V. J. – Em sede de Plano de Recuperação e Resiliência estamos a falar de um investimento na ordem dos 2,5 mil milhões de euros na área da transição digital, que é ampliada em quase 4 mil milhões de euros quando fa-



lamos inclusivamente nas outras áreas. Porque temos, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência, três grandes apostas: a recuperação e a resiliência, que são apostas mais de infraestruturas, o plano para a alteração climática e depois a transição digital. Estas são as três grandes apostas. A transição digital é tão transversal que inclusivamente estes investimentos, além da transição digital, estendem-se também às outras áreas e, portanto, o investimento total de todo o PRR para a área digital é de cerca de 31%. Aliás, aumentámos o *target* da Comissão

Europeia, que era cerca de 24% a 25%. Sendo uma aposta da Comissão Europeia, quer ao nível do PRR, mas também ao nível do quadro plurianual de investimentos – o novo quadro comunitário – que inclusivamente está já a preparar um *Digital Europe Program* com um grande investimento, haverá *digital innovation hubs* europeus e poderá haver alguns nacionais, com investimento misto, portanto, é uma aposta de facto muito grande e que, mais uma vez, não podemos desperdiçar e, para isso, temos de nos preparar. Estes investimentos deverão ocorrer em meados do próximo ano [2021], mas as empresas e o Estado têm de preparar-se, exatamente para acionarem e terem muito claros os seus planos para fazer a sua transformação digital.

“DAR APOIO ÀS EMPRESAS”

PME Mag. – Quais são os setores que precisam de mais atenção na transição para o digital?

V. J. – Todos aqueles que têm menos intensidade tecnológica e aqueles que, por efeitos da pandemia, estão mais expostos. Em alguns casos há uma coincidência, por exemplo, restauração, hotelaria, entretenimento e também têm uma coincidência setores que nós quase intrinsecamente diríamos que precisariam e que não poderiam viver sem interação física, que o digital é acessório. Mas na realidade não o é e, aliás, prova disso é que podemos chegar a esses serviços de outra forma que não a física, com todos os exemplos que já disse. Portanto, diria que esses serão aqueles em que vamos estar mais focados, porque são aqueles que precisam de uma maior ajuda. Ainda assim, em todos os outros ainda temos de fazer uma grande aposta porque temos de conseguir evoluir nas duas áreas, quer nas empresas que sejam farol para o resto do mundo e da Europa, porque temos empresas muito boas e que podem ser farol. **Queremos transformar Portugal numa forte atração de investimento internacional, nomeadamente na área da tecnologia** e, sempre que possível, não só em Lisboa, mas também aproveitar esta atração de investimento. Estamos a trabalhar em parceria com a Coesão [Territorial], nomeadamente uma medida que foi lançada e que deu um grande apoio às empresas do interior para fazer esta aposta, o “Mais coeso digital” – e que inclusivamente esgotou

a primeira leva de pedidos. Portanto, diria que a nossa aposta é dar apoio às empresas do interior, também para se localizarem para o interior, e aos setores mais fragilizados e menos tecnológicos, mas nunca esquecendo que não é na mesma dimensão porque o esforço é diferente, é mais de concertação e de garantir que temos mais organização como país. E aí, outra coisa que tenho sentido em comparação com outros países europeus, e mesmo na forma como somos vistos na Europa, é que o facto de sermos pequenos, como em tantas outras coisas, somos um próprio *testbed* da Europa para testar coisas e temos de aproveitar isso. Acho que é o momento certo.

PME Mag. – Disse que o propósito do Portugal Digital é acelerar Portugal e não deixar ninguém para trás. Esse objetivo está a ser cumprido?

V. J. – É aquilo que me motiva a acordar todos os dias. Penso nisso todos os dias **em cada medida que fazemos, seja ao nível socioeconómico, seja ao nível de género, do trazer mais mulheres para a tecnologia, que é uma coisa que também me motiva imenso. Mas isto é toda a diversidade, porque outra coisa que tenho aprendido na minha vida é que a diversidade de culturas, de back-grounds faz com que realmente sejamos muito mais fortes e acho que também isso em Portugal temos de forma única. Recebemos muito bem os outros, incorporamos bem novas culturas e o digital não é diferente, muito pelo contrário, mas garantindo que mantemos o nosso core e a nossa essência.**

PME Mag. – O que é preciso para liderar um Portugal Digital?

V. J. – Resiliência, acreditar que todos os dias movemos um bocadinho mais e que todas as pessoas e que todas as organizações têm algo para dar. Temos de tentar e conseguir extrair esse algo da melhor forma possível. Todos os projetos do Plano de Ação para a Transição Digital estarão em curso durante 2021, alguns deles concluídos inclusivamente, portanto podem esperar talvez uma segunda fase do plano e muitos deles são plurianuais, nomeadamente o projeto “Upskill”, ou o “Emprego mais digital”, vão continuar ao longo dos três anos.

**Nota: A entrevista foi feita em novembro de 2020*



XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Vanda de Jesus

Vanda Jesus é diretora executiva do Portugal Digital. Começou a sua carreira em consultoria e trabalhou em entidades públicas, associações, tecnológicas e startups, tendo exercido funções nas áreas de marketing, vendas e transformação digital.

É membro do Conselho Estratégico da COTEC, do Conselho Consultivo da APDC e integra o conselho editorial da revista Human Resources. É licenciada em Gestão pelo ISCTE e tem uma pós-graduação em E-Business pelo ISEG/IDEFE.

Ao longo dos seus 20 anos de carreira, foi diretora de projeto na UMIC - Agência para a Sociedade do Conhecimento, onde foi responsável pelo Programa Nacional de Compras Públicas Eletrónicas e foi também diretora de feiras e de iniciativas de terceiros na FIL. Adicionalmente, foi diretora executiva da APDC, onde coordenou o lançamento de várias plataformas digitais.

Passou também pela startup Viatecla, onde foi chief business development officer. Fez parte do conselho executivo do projeto MUDA - Movimento pela Utilização Digital Ativa. Foi diretora de marketing e comunicação da Microsoft Portugal e foi responsável pelo lançamento da iniciativa Building the Future - Ativar Portugal.





| A REVISTA DAS PME PORTUGUESAS |

pmemagazine.sapo.pt

